



A LIBERDADE EM HANNAH ARENDT¹

Sandra Janice Nunes², Claudio Boeira Garcia³

INTRODUÇÃO: O texto examina, no ensaio de Hannah Arendt, *O que é Liberdade?*, e nos manuscritos postumamente editados por Ursula Ludz com o título *O que é política?*, as seguintes questões: como surgiram e desapareceram, no âmbito da vida política, as noções e experiências originárias de liberdade? Quais distorções ou novos significados essa noção recebeu nos percursos do pensamento político da tradição e na concepção cristã de liberdade com Sto. Agostinho? Para a autora os gregos e romanos antigos concebiam a liberdade como conceito exclusivamente político enquanto o pensamento filosófico que apareceu no período de decadência política da Polis e da República Romana descobriu uma nova esfera para a liberdade, qual seja, a liberdade de pensamento, que se apresentava como uma alternativa distinta da liberdade da *polis*. A liberdade sob o domínio interno da consciência não tem significação política para Arendt, embora seja um recurso utilizado quando não se encontra a liberdade na exterioridade. Relacionada à política, a liberdade não é uma derivação da vontade e nem de um livre arbítrio, que seria uma “liberdade de escolha que arbitra e decide entre duas coisas dadas, uma boa e outra má, escolha pré-determinada pelo fato de ser bastante discutí-la para iniciar sua operação: [...]” (p. 197). Pode parecer paradoxal que Agostinho como cristão tenha formulado uma idéia política da liberdade, porém, para Arendt, isso se deve ao fato de que Agostinho era também romano, e para estes a liberdade era um “legado transmitido pelos fundadores de Roma.” (p. 215). **MATERIAL E MÉTODOS:** o texto resulta de uma pesquisa bibliográfica cujo propósito foi o de destacar as principais considerações a respeito da Liberdade e a relação, íntima, de interdependência entre a política, a liberdade e a ação, tais como Arendt apresentou nos textos *O que é Liberdade?* e *O que é política?*. **CONCLUSÕES:** para Arendt, a liberdade está diretamente ligada à política e quando se tem em mente a política e a ação, não é possível pensá-las fora do âmbito da liberdade. Para a autora, a liberdade política e seu contrário não podem ser vivenciados na introspecção. Tal definição teria sido elaborada pela tradição filosófica que deslocou a liberdade do âmbito político para a esfera do pensamento sob o domínio da vontade. “O ponto de vista das considerações que seguem é que o motivo para essa obscuridade está em que o fenômeno da liberdade não surge absolutamente na esfera do pensamento, que nem a liberdade nem o seu contrário são vivenciados no diálogo comigo mesmo no decurso do qual emergem as grandes questões filosóficas e metafísicas, e que a tradição filosófica [...] destorceu, em vez de esclarecer, a própria idéia de liberdade, tal como ela é dada na experiência humana ao transpô-la de seu campo original, o âmbito da Política e dos problemas humanos em geral, para um domínio interno, a vontade, onde ela seria aberta à auto-inspeção”. (p. 191). Embora não sendo um dos únicos problemas da esfera política, a liberdade é, para a autora, o que dá significado à vida política. “A *raison d’être* da política é a liberdade e seu domínio de experiência é a ação.” (p. 192). Para Arendt a ação do homem só pode ser considerada livre se der início a algo novo, não existente nem na imaginação, “chamar à existência o que antes não existia” (p. 198), o desconhecido. “Para que seja livre, a ação deve ser livre, por um lado, de motivos e, por outro, do fim intencionado como um efeito

¹O texto apresenta resultados parciais do sub-projeto de pesquisa *Arendt: educação e política* do Programa de Iniciação Científica PIBIC/CNPq. Período agosto 2006 – agosto 2007.

² Aluna do Curso de Filosofia da Unijuí. Bolsista do PIBIC/CNPq, integrante do Projeto de Pesquisa *Educação e Política* alocado no Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências, Mestrado, da UNIJUÍ.

³ Professor Orientador.



previsível.” (p. 198). Para Arendt, “ser livre e agir são uma mesma coisa” (p.199), por isso a liberdade só pode ser reconhecida no momento da ação. A política depende para sua existência e conservação da ação dos homens, não qualquer ação, mas sim o agir do homem livre, a partir do qual novos acontecimentos são iniciados. “Se é verdade que ação e começo são essencialmente idênticos, segue-se que uma capacidade de realizar milagres deve ser incluída também na gama das faculdades humanas.” (p. 218).